



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

PRÁTICAS DE RISCO-AVENTURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BUSCA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Arthur Damasceno R. O. Leite*

RESUMO

Praticante de esportes de risco-aventura, trabalho no segmento turismo de aventura há algum tempo. Minhas vivências-experiências nesse ramo de atividades, na cidade de Uberlândia-MG, acompanharam a crescente demanda de mercado por práticas dessa natureza no município e região. O lazer deu lugar ao trabalho, e isso coincidiu com o meu ingresso no curso de graduação em Educação Física. O interesse pela área me fez pesquisar autores que abordam o tema no Brasil, e lendo Mary Spink, aspiro desenvolver uma ponte entre a prática de atividades dessa natureza e os sentidos/significados que as engendram.

*Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

O gosto pela aventura nos faz perseguir objetivos cada vez mais ousados. Desde minha adolescência sou afeito às atividades de risco-aventura, práticas que engendram a probabilidade de ocorrência de evento indesejável, como acidentes ou até mesmo a morte (Spink 2001). Sempre envolvido em escalada de paredões de pedra, de estruturas metálicas, de concreto armado ou mesmo grandes arvoredos. Rapel, tirolesas, travessias ciclísticas e aquáticas, longas caminhadas em incursões aos cerrados e chapadões do Triângulo Mineiro, ou de localidades pelas quais estivesse de passagem. Para além das explorações dos terrenos e estruturas na própria cidade, estas sempre foram atividades que me cativaram. Para Spink(2005,p.26) “...há uma velha conexão entre risco e aventura, valorizada pela ousadia passível de levar a descobertas[...] uma associação entre risco e aposta, em sua essência de potencialidade entre ganhos e perdas[...]ainda uma conexão entre risco e formação de caráter”. Há época que ingressei na graduação em Educação Física participei do processo seletivo de uma empresa que recrutava pessoal para trabalhar com esportes na natureza, esportes de risco-aventura. Isso se deu em 2007, e o que era lazer tornou-se trabalho. A empresa em questão, vende pacotes de esportes na natureza, pacotes de turismo de aventura, que engendram atividades de risco-aventura para empresas, escolas, clubes, hotéis fazendas, grupos de aventureiros e afins. Muitos graduandos são recrutados por ela na faculdade aonde estudo, uma vez que a demanda pelos serviços que oferece na região tem aumentado consideravelmente. O quadro de pessoal da empresa é composto por profissional da educação física graduado e com registro no Conselho Regional de Educação Física, psicóloga, socorristas, administradora, nutricionista, monitores de circuitos (acompanham o pessoal que compra o serviço nas incursões pelo terreno) e operadores de equipamentos de segurança (geralmente graduandos em Educação Física), que operam os equipamentos de segurança nos paredões de escalada, rapel, tirolesa, bóiacross, arborismo, pêndulos, caiaque, pista de cordas e obstáculos, além de ajudar na montagem dos circuitos que demandam posicionamento e ajuste de aparatos técnicos, com a supervisão dos responsáveis qualificados.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Bem, depois que passei a trabalhar com esportes de risco-aventura, e não somente vivenciá-los, concomitantemente investigando artigos acadêmicos sobre o tema, pude compreender alguns sentidos e significados que engendram esse campo de práticas que cada dia cria mais vagas de trabalho para os profissionais da Educação Física. Na cidade de Uberlândia e região é crescente a demanda por esportes na natureza, modalidades de jogos que se enquadram nos “jogos de vertigem”, segundo termo cunhado por Callois(1958 apud Spink,2001). Modalidades esportivas que envolvem risco-aventura, atualmente muito procurados por jovens e pessoas de meia idade, que encontram nessas atividades uma válvula de escape para seus cotidianos estressantes nas cidades, ou ainda satisfação de buscas pessoais, como superação de fobias. No próprio curso de Educação Física da UFU, temos no 9º período um componente curricular de nome Esportes de Aventura, que visa dar aos alunos uma noção sobre esta nova frente de trabalhos. Dentre as leituras que tenho feito com escopo de compreender de modo mais aprofundado os sentidos que levam as pessoas a procurar atividades de risco-aventura, encontrei nos artigos de Mary Jane P. Spink argumentos que para meu contexto tornaram-se termos chaves no desenvolvimento do meu pensamento acerca do tema. Em seus artigos (Spink et al., 2001, 2005) valoriza a dimensão positiva do enfrentamento dos riscos, destacando uma velha conexão entre a formação do caráter expressa no valor educativo da aventura, já que a disposição de correr riscos, trata-se de um componente essencial de nossa sociedade moderna. Para ela nos tempos pré-modernos, as sociedades se organizavam no sentido de gerir a vida das populações, para tanto sociedade disciplinares, que nas condutas e normas enquadravam os grupos humanos em regras sociais rígidas em virtude de se prolongar a existência dos sujeitos. Entretanto, somente com o que Spink chamou de modernidade tardia, nós humanos passamos a viver em uma sociedade que passa a gerir riscos ao invés de gerir a vida dos sujeitos. Quanto a natureza dos riscos na modernidade tardia que Spink(2001) aborda, esses estão calcados nos perigos manufaturados, advindos dos avanços e progressos da ciência e tecnologia, e a progressiva tendência a desterritorialização e globalização desses riscos, emergindo daí a percepção de que os riscos são sistêmicos, acompanhada da consciência do teor imponderável dos mesmos. Nessa linha, a tecnologia ensinou o domínio da maioria dos riscos dantes naturais e os transformou em riscos sociais, advindos dos avanços da modernidade tecnológica. Ocorreu ao meu ver, uma espécie de salto qualitativo, dos riscos das selvas para os riscos das cidades, corroborando, entretanto, ainda a noção do risco como regra e como condição sem a qual não se pode estar no mundo dos vivos. Contudo, agora os riscos são ditos sutis, imponderáveis, estão nas entranhas de fenômenos e práticas muitas vezes socialmente aceitas. Em outra perspectiva, alguns autores (entre eles Giddens,1991; Le Breton, 1996 apud Spink, 2005), tentam interpretar a busca pelas atividades de risco como anteparos aos processos que caracterizam a destradicionalização que acompanha a globalização, passagem de uma sociedade de hábitos herdados para um regime de sociedade que rompe com a tradição.

Todavia, embora estejamos falando da transição de uma sociedade da disciplina, da norma, da gestão da vida dos sujeitos, para uma sociedade gestora dos riscos, a experiência com esportes de risco-aventura, tem demonstrado o potencial teor disciplinador dessas atividades. Segundo Spink(2005), um dos mais antigos empreendimentos comerciais de educação por meio da aventura, formação de caráter, expressa no valor educativo da aventura, é o Outward Bound, com início em 1941 no País de Gales, Inglaterra. Suas atividades primam pela aventura e experiência, paixão e serviço, aprendizagem por meio da experiência, desenvolvimento pessoal e responsabilidade sócio-ambiental. Estes



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

são alguns elementos que também norteiam os pacotes de Outdoor Training oferecidos pela empresa de turismo de aventura onde trabalho. Nesse contexto, muitas empresas oferecem finais de semana em hotéis fazendas para seus operários, escolas levam suas turmas para aventuras no “éden”, clubes oferecem a sua clientela atividades de risco-aventura como tirolesa, rapel, escalada etc, dentro de um pacote de serviços visando a educação pela experiência e vivência das atividades de risco. Retiramos um trecho significativo do texto de Spink(2001,p.1285), que representa bem o que as empresas de esportes de aventura vendem para os demais segmentos sociais: “Segundo descrição fornecida no site, ‘o conceito é aprender fazendo- fazendo algo fora do escritório que apresenta desafios que podem então ser transferidos para o mundo real do trabalho’(http://www.lagunaphuket.com).”.

Pertinente destacar, que no final da década de 80, começam a emergir também novas modalidades de risco-aventura, os ralis humanos, que expondo o sujeito ao risco, em uma sociedade da gestão dos riscos, metaforiza nessas práticas de risco-aventura uma sociedade calcada na superação do herdado em detrimento do imponderável, que supera a norma, o previsível do cotidiano, legitimando a necessidade do enfrentamento com o desconhecido para reafirmar o vivido nas rotinas aparentemente isonômicas das cidades. O primeiro teria sido o Raid Gauloise, tendo sua primeira edição realizada na Nova Zelândia em 1989. Já o Eco-Challenge Lifestyle Inc., fundado por Mark Burnett em 1992, inovou por associar aventura com ecologia. Também no Brasil aderimos aos ralis humanos como a Expedição Mata Atlântica, organizada pela Associação Multisport Adventure Racing a partir de 1998, e mais recentemente os programas de televisão No Limite e Hipertensão, este último a ser lançado no segundo semestre de 2010. Esses ralis humanos tem múltiplas modalidades esportivas: montaria a cavalo, canoagem, escalada, rapel, mountain bike e longas caminhadas. Alguns dos ingredientes desses eventos podem ser encontrados nas atividades das empresas de turismo de aventura, inclusive na que eu trabalho. Falamos de dinâmicas que envolvem trabalho em equipe, resistência, espírito de aventura e compaixão, permeadas por uma consciência ecológica.

Acerca da busca de sentidos que nos levam a idealizar e dinamizar práticas como as supracitadas, muito pertinente se torna a abordagem de Le Breton (1996 apud Spink,2001) de que a busca por atividades de risco-aventura, se assenta na perspectiva de encontrar significados para a vida no enfrentamento com a morte, o que caracteriza o ordálio.

...quando o sentido da vida escapa, quando tudo é indiferente, o ordálio é uma solução. É a única estrutura antropológica que pode dar uma segunda chance.Ela metaforiza a morte por meio de uma troca simbólica em que o ator aceita que, para poder tudo ganhar,arrisca tudo perder (LE BRETON,1996,p.58 apud SPINK,2001,p.1286).

Spink(2001) se vale do argumento de Le Breton para encetar que os usos metafóricos não se prestam mais para falar de riscos, mas de imponderabilidade, essa busca pelo que extrapola a previsão, a norma preditiva que vivenciamos em nossos cotidianos nas cidades, a necessidade de re-significar a vida aparentemente esgotada de sentidos. Ainda que de par com uma realidade que nos oferece todos os meios para a perpetuação da vida, parece que necessitamos, embora vivamos em meio a riscos manufaturados, transcender o cotidiano da previsibilidade em busca dessa imponderabilidade que encontramos no enfrentamento com o perigo, com o risco, e em última palavra com a morte nos esportes radicais. Em meu contexto, de sujeito amante do



risco-aventura, os argumentos arregimentados por Spink(2001) servem para significar, dar sentido a minha necessidade de extrapolar a aparente apatia, segurança das cidades, procurando desafiar e testar meus limites nas práticas de risco-aventura, na dinâmica de reafirmar a vida com o enfrentamento do risco de morte.

Ainda em um artigo de Spink(2005), a autora aborda os sentidos do risco como aventura realizando uma incursão pelos meandros da Psicologia, versando sobre o conceito de Risco-desejado por três abordagens diferentes, o que pode nos ajudar a compreender o motivo, de muitas vezes, buscarmos atividades de risco-aventura com escopo de superar a apatia de significados do real dado rumo ao imponderável. Numa das abordagens, Zuckerman(1979 apud Spink,2005,p.26) o risco desejado pode ser entendido como “traço da personalidade que reflete a busca individual de sensações e experiências novas, variadas e complexas, e a disposição de correr riscos físicos e sociais para realização dessas experiências”. Essa abordagem reflete, portanto, a busca de sensações pelo indivíduo. Outra perspectiva é a de Goffman(1972 apud Spink,2005) que pontua que o caráter dos indivíduos, engloba aspectos variados, e que alguns desses aspectos só podem ser manifestados em situações que fogem do regime normal e seguro da família, da sociedade, das comunidade na qual insere-se o indivíduo. Daí a necessidade de termos oportunidades de não prudência para expressarmos estados do nosso caráter dependentes dessas ocasiões que o autor chama de *fateful moments*. E para além de Zuckerman(1979) e Goffman(1972), falemos da abordagem de Csikszentmihalyi(1975 apud Spink,2005). Para este autor, a busca pelo sentido da vida se dá na experiência do *flow*. São experiências aonde ação e consciência se fundem, focalizam no momento presente, são ocasiões onde as pessoas não temem o futuro nem lembram do passado. Estão concentradas nas atividades que realizam e o prazer e a satisfação derivam dessa fusão. Nessa linha de pensamentos, as três abordagens acerca do conceito de risco-aventura nos fazem compreender que, para além da influência sócio-histórico-cultural, derivada da transformação da sociedade disciplinar para uma sociedade da gestão do risco, e para além da teoria dos jogos proposta por Roger Callois(1958 apud Spink 2001), talvez esteja também na forma como o indivíduo busque sentido para sua vida a resposta para a nossa necessidade de praticarmos atividades de risco-aventura, como pontuou Le Breton(1996), ensejam no encontro com a morte o significado da vida.

Tentei com este trabalho a guisa de relato de experiência, fazer de minhas vivências-experiências com práticas de risco-aventura, um referencial para que, dialogando com a literatura, buscasse sentidos e significados para a necessidade de pessoas como eu, se exporem ao risco como meio para a satisfação de sensações, desejos ou busca de sentidos para a vida. E tendo na realidade constatado a crescente demanda por práticas desta natureza, procurei salientar que nós profissionais da Educação Física, podemos, explorar o viés positivo das práticas de risco-aventura, como meio para proporcionar as pessoas possibilidades de autoconhecimento e valorização da vida pelo enfrentamento do risco de morte nas empreitadas de aventura na natureza, além de fazer destas atividades oportunidades de geração de renda e valorização dos patrimônios naturais de nosso país.

Referências Bibliográficas:

SPINK, M.J.P. Trópicos do discurso sobre risco:risco-aventura como metáfora na modernidade tardia.*Caderno Saúde Pública*,Rio de Janeiro,v.17,n.6, p.1277-1311,nov-dez,2001.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

SPINK, M.J.P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: Contrastando esportes radicais e turismo de aventura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 26-38, 2005.

Endereço para correspondência:

Arthur Damasceno R.O. Leite

Av. João Pessoa 855 Ap. 402 Bloco: C

CEP: 38.400.338 Uberlândia-MG

e-mail: falueiro@yahoo.com.br

Tecnologia para apresentação do trabalho: data-show